



Revista Psicologia e Saúde

E-ISSN: 2177-093X

-

Universidade Católica Dom Bosco
Brasil

Pedroso Vitale, Maíra; Grubits, Sonia

Psicologia e Povos Indígenas: Um estudo preliminar do "Estado da Arte"
Revista Psicologia e Saúde, vol. 1, núm. 1, julio-diciembre, 2009, pp. 15-30
Universidade Católica Dom Bosco

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=609866390004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Psicologia e Povos Indígenas: Um estudo preliminar do “Estado da Arte”

Psychology and Indian Populations: A preliminary study of the “State of Art”

Psicología y Pueblos Indígenas: un estudio del “Estado del Arte”

Maíra Pedroso Vitale

Université de Limoges, França

Sonia Grubits

Universidade Católica Dom Bosco

Resumo

O presente artigo procura apresentar um quadro geral, delinear o “estado da arte das produções científicas na área de Psicologia relacionadas à temática indígena em geral realizando, uma busca por produções essencialmente acadêmicas em quatro tipos de bancos de dados: *Portal Capes* onde acessamos o *Banco de Teses (BT)*; a *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)* que se encontram entre as principais bases gerais e multidisciplinares de produção científica; a *Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia (BVS-Psi)*, mais especificamente no *Index Psi*, além de consulta aos acervos eletrônicos de bibliotecas de 30 Instituições de Ensino Superior brasileiras; todas realizadas em novembro de 2009. A análise descritiva realizada do *corpus* construído nos possibilita uma visão preliminar sobre as principais características da produção em Psicologia ao abordar a temática indígena.

Palavras-chave: psicologia; temática indígena; produções científicas.

Abstract

This article presents a general picture, outlines the “state of art” of the scientific productions in the area of Psychology related to the indigenous theme in general carrying out, a search for essentially academic productions in four types of databases: *Portal Capes* in which we have accessed the Bank of the Thesis (BT), the Digital Library of Theories and Dissertations (BDTD) that are among the principal general and multidisciplinary bases of scientific production. Virtual library in Health - Psychology (BVS-Psi) more specifically in the Index Psi, besides consultations to the electronic heaps of libraries of 30 Brazilian Institutions of Superior Teaching. These procedures were carried out in November 2009. The descriptive analysis of the *built corpus* has made possible to a preliminary vision on the main characteristics of the production in Psychology while boarding the Indigenous theme.

Keywords: psychology; indigenous theme; scientific productions.

Resumen

El presente artículo busca presentar una visión general del “estado del arte” de las producciones científicas en el área de la Psicología relacionadas a la temática indígena en general, realizando una búsqueda por las producciones esencialmente académicas en cuatro tipos de bancos de datos: *Portal Capes*, donde hemos asesado el *Banco de Tesis (BT)*; la *Biblioteca Digital de Tesis y Disertaciones (BDTD)* que se encuentran entre las principales bases generales y multidisciplinares de producción científica; la *Biblioteca Virtual en Salud - Psicología (BVS-Psi)*, específicamente en el *Index Psi*, además de consultas a los acervos electrónicos de bibliotecas de 30 Intuiciones de Enseñaza Superior brasileñas; todas realizadas en noviembre del 2009. El análisis descriptivo realizado sobre el *corpus* construido nos ha posibilitado una visión preliminar sobre las principales características de la producción en Psicología al abordar la temática indígena.

Palabras clave: psicología; temática indígena; producciones científicas.

Introdução: por que fazer?

O presente artigo procura apresentar um quadro geral das produções científicas na área de Psicologia relacionadas à temática indígena em geral realizando uma análise dos resumos das produções localizadas em diferentes fontes documentais e bancos de dados eletrônicos em âmbito nacional.

Nos últimos vinte anos, aproximadamente, tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento” para definir trabalhos de caráter bibliográfico que pretendem mapear e

discutir a produção acadêmica em um certo campo do conhecimento, expondo quais os aspectos e dimensões mais destacados em tal campo em determinado período e lugar, as metodologias mais empregadas, os enfoques privilegiados, assim como aquilo que é deixado de lado, ou seja, as lacunas e ausências no estado de produção do campo de conhecimento em questão.

Desta forma, o objetivo em delinear o “estado da arte” ou “estado do conhecimento” da ciência psicológica em relação às populações indígenas nasceu, primeiramente, da proximidade das autoras com esta temática, com a qual vem trabalhando desde

1992. As dificuldades em localizar produções sobre o tema e em encontrar na Psicologia interlocutores com os quais pudessem trocar experiências e reflexões — nos âmbitos epistemológico, metodológico e ético — fizeram com que se acreditasse na importância de desenvolver tal trabalho. Uma busca que não visa simplesmente localizar autores e produções, mas abrir uma porta de interlocução e diálogo, facilitar o encontro entre pesquisadores-psicólogos trabalhando com a temática indígena e ainda proporcionar ao profissional inserido em tal campo-tema¹ (Spink, 2003) uma visão geral do que tem sido abordado em relação às populações indígenas no âmbito da ciência psicológica, ou seja, como tal ciência tem contribuído, quais as principais questões abordadas, as formas de aproximação do tema, as subáreas que apresentam maior inserção, enfim as características gerais das produções “psicológicas” neste campo.

Além disso, tem-se como objetivo mais amplo atentar para a consolidação da Psicologia como ciência que pode e deve contribuir para as questões sociais, políticas, culturais e psicológicas envolvendo as populações indígenas. Uma de nossas hipóteses de base é a do aumento recente do interesse dos psicólogos por tal temática — até pouco tempo atrás compreendida como sendo exclusivamente de responsabilidade dos antropólogos — com o conseqüente aumento da produção de pesquisas (teses e dissertações) em tal campo. No entanto, o desconhecimento quase completo da totalidade destas produções é um dos problemas para a interlocução entre pesquisadores e para o próprio avanço do campo-tema; a ausência de uma ordenação no conjunto de informações e resultados já obtidos inviabiliza as possibilidades de integração de diferentes perspectivas, a reflexão para problemas encontrados em comum, a identificação de duplicações ou contradições e a determinação de lacunas e vieses. Essa discussão e ordenação do que já foi e do que está sendo produzido é fundamental, portanto, para o processo de evolução da ciência psicológica no que se refere a temática indígena e possibilitaria a circulação e intercâmbio entre a produção construída e aquela a construir.

Entretanto, é preciso ressaltar desde já que o presente trabalho não pretende e nem pode ser

considerado conclusivo. Ele representa apenas um primeiro passo, talvez ainda tímido e restrito, mas certamente encorajador de iniciativas futuras para o aprofundamento da compreensão do estado de conhecimento da temática indígena na Psicologia. Apesar das buscas exaustivas em importantes bancos de dados da área de Psicologia e em acervos informatizados de bibliotecas universitárias brasileiras, sabemos que muitos trabalhos podem não ter sido localizados em nossa busca, seja porque as universidades aos quais estão ligados não foram pesquisadas, seja porque os termos de busca não tenham sido adequados para localizá-los ou em consequência das muitas outras falhas que podem estar presentes num trabalho como este. Algumas dificuldades no rastreamento serão discutidas no decorrer do presente artigo, a principal delas referindo-se às estratégias de escolha de palavras-chaves e termos de indexação — por parte dos autores ou dos gerenciadores dos bancos de dados — e será exposta primeiramente, pois a busca de certa padronização neste sentido facilitaria enormemente a localização de trabalhos relacionados ao tema.

2. Aspectos Metodológicos: como e onde buscar?

Introduzido desta forma o “*porque fazer*” podemos passar ao “*como fazer*”, ou seja, como e onde buscar as informações almejadas em tal trabalho.

Como ponto de partida da pesquisa contou-se com a experiência das pesquisadoras em tal campo-tema, tendo sido esta fundamental na busca e tomada de decisões, tanto no que diz respeito à escolha das fontes documentais quanto na escolha dos termos selecionados para busca. Este último, como exposto anteriormente, representa uma das maiores dificuldades na localização das produções, visto a diversidade de possibilidades de termos de indexação e palavras-chave, algo que reproduz a própria complexidade deste campo-tema de forma geral.

Segundo Ribeiro (1982), a formulação de um conceito operativo de “índio” constitui um requisito indispensável para a avaliação da população indígena atual, distante das suas características originais e dos termos estereotipados pelos quais são geralmente descritas. Segundo ele, essa tarefa não é nada simples, pois não podemos utilizar os critérios raciais e culturais vulgarmente empregados para este fim. Ele propõe assim uma definição do “índio” como “todo indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade de origem pré-colombiana que se identifica como etnicamente diversa da nacional e é considerada indígena pela população brasileira com que está em contato” (1982:254). Para esse estudioso e grande conhecedor da questão indígena, esta conceituação — apesar da imprecisão e subjetividade de que pode ser acusada — presta-se bem ao propósito prático de

¹ Proposto por SPINK (2003), a noção de campo-tema considera que o “campo” não é um lugar específico, delineado, separado e distante, mas sim a situação de um determinado tema, o argumento no qual nos inserimos quando resolvemos trabalhar com uma determinada temática, argumento esse que tem múltiplas faces e materialidades, que acontecem em muitos lugares diferentes. Essa discussão é interessante quando tratamos da questão indígena, pois tradicionalmente o campo de pesquisa indígena refere-se ao espaço da comunidade ou aldeia indígena, especificamente. A noção de campo-tema, no entanto, permite ampliar esta idéia e passa a abranger todo e qualquer espaço onde a temática indígena esteja presente, nos possibilitando questionar quais os espaços que a Psicologia tem criado, reproduzido ou proposto para aproximar-se de tal campo.

distinguir os índios dos não-índios do Brasil e se aplica com propriedade às várias condições e modalidades em que os primeiros se encontram após quatro séculos de contatos diretos e indiretos com os segmentos não indígenas de distintas extrações étnicas.

Tal conceituação não é aceita sem maiores questionamentos e é certo que muitos antropólogos e historiadores não estão de acordo com as proposições de Ribeiro, que ainda utiliza em seus trabalhos termos bastante criticados atualmente, tais como “tribos” e “brancos”, ou oposições tais como “índios” *versus* “civilizados”. No entanto, o propósito do presente artigo não consiste em discutir tal problemática; pretendemos aqui apenas assinalá-la e enfatizar sua interferência direta na execução de uma pesquisa de ordem bibliográfica, pois a escolha dos termos que se referem à temática indígena nunca pode ser feita sem uma reflexão crítica sobre o tema e sem a exposição de determinados conflitos que, resolvidos ou não, estarão necessariamente presentes.

Os termos “índios” e “indígenas”, por exemplo, representam uma forma genérica bastante utilizada tanto no senso comum quanto nos meios acadêmicos para se referir aos povos originários da *terra brasilis*, englobando de forma equivocada culturas extremamente heterogêneas entre si. Desta forma, estes termos representam categorias construídas ocidentalmente — pelo colonizador — que diante de extensa diversidade precisou agrupar e homogeneizar aquilo que lhe parecia incompreensível. Assim, não podemos utilizar tais conceitos sem uma conseqüente problematização, ao mesmo tempo em que admitimos a dificuldade em se escapar de tais denominações, sobretudo numa pesquisa como esta em que a melhor forma de localizar as produções acaba sendo por meio de tais termos generalizantes. De qualquer forma, fica feita aqui a ressalva pela preferência das denominações étnicas próprias de cada população indígena sempre que esta for possível — nos próprios títulos dos trabalhos, nos resumos ou nos termos escolhidos como palavras-chave — acompanhada dos termos genéricos que favorecem a localização das produções.

No caso da nossa pesquisa por produções que realizem uma intersecção entre a Psicologia e os povos indígenas foram escolhidos como termos de busca o cruzamento dos seguintes caracteres: 1) “Psicologia” e “índios” e 2) “Psicologia” e “indígenas”¹, pois tanto o termo “índios” quanto o termo “indígenas” são freqüentemente escolhidos como palavras-chave de indexação para trabalhos que tratem de alguma forma da questão indígena. E, ao longo de nossa pesquisa, pudemos constatar que de fato muitos trabalhos que não

são localizados com o termo “índios” são localizados posteriormente pelo termo «indígena», embora o primeiro seja aparentemente o mais empregado. Desta forma, os termos generalizantes foram escolhidos, pois representam a maneira mais eficaz de localizarmos as produções, o que não significa que não estaremos interessados em saber quais as etnias mais estudadas. Entretanto, será preciso partir do “geral” para chegar ao específico, ao não-genérico.

Em seguida, a segunda decisão a ser tomada se referiu à escolha das fontes documentais: decidiu-se, portanto, pela busca de produções acadêmicas sobre o tema, acreditando que contemplaríamos com isso um dos principais meios de interlocução e produção do conhecimento (teses, dissertações, monografias e relatórios científicos). Ficaram de fora, portanto, a análise de livros, capítulos de livros, artigos científicos e produções diversas, como as audiovisuais, por exemplo, localizadas na busca, mas que não serão expostas aqui devido a longa extensão do artigo e a necessidade de receberem tratamento separado em análises futuras. Além disso, ressaltamos a ausência de uma busca em anais de encontros e congressos científicos nacionais, onde tal tema pode ter sido abordado e discutido, tal como temos conhecimento de intervenções realizadas: no *XI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO)*²; no *I Congresso Latino-americano da Psicologia (ULAPSI)*³ e no *I Congresso Brasileiro de Psicologia Ciência e Profissão*⁴, para citar apenas alguns exemplos. É importante enfatizar também a realização do Seminário “*Subjetividade e Povos Indígenas*” em novembro de 2004 em Luziânia (DF), tendo como objetivo principal aproximar a Psicologia da questão indígena⁵, assim como o

² Realizado em novembro de 2001 na Universidade Federal de Santa Catarina houve neste congresso uma iniciativa pioneira representada pela mesa-redonda intitulada “*As Emoções nas Culturas Indígenas*”, coordenada por Silvia Lane e composta por Maria Helena de Mendonça Coelho, Sonia Grubits e Marlito de Sousa.

³ Realizado em abril de 2005 em São Paulo contou com a mesa-redonda intitulada “*Conflitos étnicos e éticos e a questão indígena: um problema para a Psicologia Latino-americana?*”, coordenada por Sonia Grubits e composta por Leila Cury Tardivo e Máira Pedroso.

⁴ Ocasão da mesa-redonda “*Experiências e Significados: Cultura e Identidade na Periferia de São Paulo*” coordenada por Ricardo Franklin Ferreira com a participação de Marília Gomes Ghizzi Godoy, cuja fala intitulava-se “*Ser Índio de verdade: um olhar sobre aldeias indígenas guarani ‘mbya’ da cidade de São Paulo*”, para dar apenas um exemplo entre outros trabalhos que foram apresentados neste congresso relacionados à temática indígena, assim como no *II Congresso Brasileiro de Psicologia Ciência e Profissão* realizado em 2006. Entretanto, não nos cabe agora elencar todas as intervenções. Para aqueles que desejam consultar os anais dos dois congressos, eles encontram-se disponíveis em: <http://www.cienciaeprofissao.com.br/>.

⁵ Promovido pelo Conselho Federal de Psicologia em parceria com o Conselho Indigenista Missionário, o seminário contou com a participação majoritária de indígenas, de dez missionários do CIMI e quinze psicólogos.

¹ O termo “Psicologia” foi inserido no cruzamento com os outros dois (índios ou indígenas) somente quando a base de dados em questão não estava já limitada à ciência psicológica, como é o caso do Portal Capes, por exemplo, que abrange outras áreas do conhecimento além da Psicologia.

colóquio “*Psicologia e Povos Indígenas*” realizado em março de 2007 por iniciativa do *Conselho Regional de Psicologia de São Paulo*¹. Certamente há muitos outros trabalhos de diferentes naturezas que foram apresentados em congressos e encontros científicos, sendo interessante também realizar, no futuro, uma busca aprofundada e uma análise de tais intervenções que possibilitarão uma visão não apenas das características dos temas expostos (há predominância de um tema, etnia estudada, aportes metodológicos e epistemológicos em comum?), mas também o crescimento ou diminuição de sua presença nos principais encontros científicos nacionais.

Aqui, no entanto, como a pesquisa dos meios de produção do conhecimento científico já era bastante extensa, decidimos nos ater a ela e restringir a busca, priorizando certa profundidade naquilo que foi escolhido.

2.1. Os bancos de dados e as fontes documentais:

A busca por produções essencialmente acadêmicas — como teses de doutorado, dissertações de mestrado, monografias e trabalhos de conclusão de curso, assim como relatórios científicos — foi realizada em quatro tipos de bancos de dados diferentes:

1) Primeiramente no *Portal Capes*² onde acessamos o *Banco de Teses (BT)*³ que tem como objetivo facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país. As informações são fornecidas diretamente à Capes pelos programas de pós-graduação que se responsabilizam pela veracidade dos dados. O *Banco de Teses* faz parte do *Portal de Periódicos da Capes/MEC* e permite a pesquisa por autor, assunto, instituição, nível e ano da produção;

2) Em seguida a busca foi realizada utilizando-se a *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)*⁴, que se encontra entre as principais bases gerais e multidisciplinares de produção científica. Coordenada pelo *Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)* o projeto da *BDTD* busca integrar

os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas *Instituições de Ensino Superior (IES)* brasileiras, bem como estimular o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico possibilitando uma forma única de busca e acesso a estes documentos;

3) Após essas buscas, foi realizada uma pesquisa na base de dados bibliográficas da *Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia (BVS-Psi)*⁵, mais especificamente no *Index Psi*, que contém informações de mais de 5.900 dissertações e teses defendidas no Brasil na área de Psicologia, possibilitando o acesso ao texto integral quando disponível. A iniciativa pretende reunir o maior número possível de trabalhos, desde as primeiras investigações até o ano corrente.

4) Por fim e objetivando um afunilamento ainda maior na busca por produções que poderiam não ter sido localizadas nos bancos de dados anteriores (tais como relatórios científicos, monografias ou mesmo teses e dissertações não indexadas nas outras bases) realizamos uma consulta aos acervos eletrônicos de bibliotecas de 30 Instituições de Ensino Superior brasileiras. A escolha das Instituições baseou-se em dois critérios principais: a) primeiramente, o objetivo em abranger pelo menos todos os Estados do Brasil, visto que a distribuição das populações indígenas difere significativamente de uma região a outra do país, sendo interessante apreender se há diferença significativa na concentração de produções da Psicologia referentes à temática em cada região. Para tal, foram selecionadas as principais Universidades Federais do país, distribuídas pelos 26 estados brasileiros e a Universidade de Brasília (UnB), a mais importante do Distrito Federal; b) como segundo critério, a idéia de abranger universidades que apresentem de alguma forma tradição na área ou algum programa voltado para a temática indígena nos levou a busca na *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)* onde há um programa de pós-graduação em Psicologia Social fundado por Silvia Lane, que apresentou ao longo de seu percurso intelectual interesse especial pela temática indígena; na *Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)* — reconhecidamente forte no que diz respeito aos estudos das etnias indígenas de Mato Grosso do Sul e onde há um programa de pós-graduação em Psicologia que apresenta quantidade significativa de produções relativas ao tema e, por fim, na *Universidade de São Paulo (USP)*, onde também encontramos quantidade significativa de produções sobre a temática. Contando com as universidades federais do país selecionadas e as citadas acima (UnB, PUC-SP, UCDB e USP) somamos um total de 30 universidades, cujas bibliotecas foram consultadas por meio de seus catálogos eletrônicos.

¹ Representando também uma iniciativa pioneira, este foi um evento preparatório para o *VI Congresso Nacional de Psicologia*. Dividido em três mesas de debates, a primeira foi composta por caciques de etnias de São Paulo e Mato Grosso do Sul, a segunda por enfermeiros da Funasa e professores indígenas e a terceira por psicólogos que desenvolvem intervenções junto a etnias indígenas. Em novembro de 2009, um segundo colóquio “*Psicologia e Povos Nativos: um encontro transdisciplinar*” constituirá um evento preparatório para o *VII Congresso Nacional de Psicologia* e será coordenado por Luiz Eduardo Berni.

² De acesso gratuito, o Portal Capes disponibiliza periódicos com textos completos, bases de dados referenciais com resumos, teses e dissertações, estatísticas e outras publicações selecionados pelo nível acadêmico, mantidos por importantes instituições científicas e profissionais e por organismos governamentais e internacionais. Pode ser acessado no seguinte endereço: <http://acessolivre.capes.gov.br/>.

³ Disponível em: <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>.

⁴ Disponível em: <http://bdtb.ibict.br/>.

⁵ Disponível no seguinte endereço eletrônico <http://www.bvs-psi.org.br/>.

2.1.1. Os procedimentos de busca e os resultados quantitativos:

Todas as buscas foram realizadas em novembro de 2009 e seguiram aproximadamente os mesmos procedimentos, respeitando, no entanto, as especificidades de cada banco de dados em questão. De forma geral, privilegiou-se a busca em “*todos os campos*” possíveis — ou seja, autor, título, palavra-chave, assunto etc — quando este se encontrava disponível; na sua ausência privilegiou-se a busca no campo “*assunto*” e/ou “*palavras-chave*”.

As produções inicialmente localizadas submeteram-se a uma classificação em três diferentes categorias, pois constatamos que dentre os trabalhos elencados nos resultados iniciais muitos não se referiam de fato a uma produção relacionando a Psicologia (enquanto ciência) aos povos indígenas (enquanto campo-tema). Utilizamos, portanto, para classificação das produções encontradas nos diferentes bancos de dados os seguintes critérios: a) produções que, após leitura dos respectivos resumos, demonstram claramente não possuir nenhuma relação com o que estamos buscando, ou seja, podem embasar-se nos pressupostos da Psicologia sem possuir nenhuma relação com a temática indígena ou vice-versa; ou ainda, não apresentam nenhuma relação nem com um nem com outro campo¹; b) produções que, mesmo não pertencendo propriamente à ciência psicológica, parecem emprestar de alguma forma conhecimentos desta para tratar de algum aspecto do campo-tema indígena² e por fim, c) as produções que aparecem clara e explicitamente como pertencentes à Psicologia abordando o campo-tema indígena em seus aspectos diversos.

Para a pesquisa no *Banco de Teses (BT)* do *Portal Capes* realizamos uma busca por “*assunto*”, escolhendo como termos aqueles expostos anteriormente: de início o cruzamento entre as palavras “*psicologia*” e “*índios*”³ para o qual obtivemos 28 ocorrências e em seguida o cruzamento entre “*psicologia*” e “*indígenas*”, através do qual obtivemos um resultado

de 33 ocorrências, dentre as quais 14 representavam trabalhos que já haviam aparecido na busca anterior. Neste banco de dados encontramos, portanto, um total de 47 produções a serem classificadas segundo os critérios descritos no parágrafo anterior, através de uma leitura e pré-análise dos seus respectivos resumos. Deste procedimento pudemos excluir — de um total de 47 produções — 22 trabalhos que não se encaixavam no que estamos pesquisando (*categoria a*); 09 produções foram classificadas na “*categoria b*”, ou seja, são trabalhos que fazem parte de outras áreas do conhecimento que não a Psicologia, mas que se utilizaram dela em maior ou menor grau e finalmente, obtivemos um total de 16 produções que correspondem perfeitamente ao material que queremos analisar: os trabalhos de Psicologia relacionados à temática indígena.

Quanto a *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)*, praticamente os mesmos procedimentos foram realizados através de uma “*pesquisa simples*”, para a qual obtivemos o resultado de 16 registros para o cruzamento entre “*psicologia*” e “*índios*” e a soma de 14 produções para o cruzamento dos termos “*psicologia*” e “*indígenas*”. Uma pré-análise dos resumos apontou que, dentre os 30 registros elencados, 02 pertenciam a “*categoria a*”, outros 02 a “*categoria b*”, 13 a “*categoria c*” — que é a que nos interessa — e 13 eram registros de trabalhos que já haviam sido localizados anteriormente.

Em seguida, a busca realizada no banco de dados do *Index Psi* apontou 14 ocorrências para o termo “*índios*” e uma ocorrência para o termo “*indígenas*”⁴, mas este último representava uma produção já localizada na busca anterior. Desta forma, dos 14 resultados encontrados 09 referiam-se a produções já localizadas nas buscas anteriores e 05 referiam-se a novas produções realizadas no seio da ciência psicológica e que abordam a temática indígena (“*categoria c*”).

Finalmente, as pesquisas nos *Acervos Eletrônicos das Bibliotecas Universitárias* selecionadas (26 Universidades Federais⁵, UnB, USP, PUC-SP e UCDB) priorizaram sempre os catálogos globais das

¹ Exemplos de produções colocadas nesta categoria e eliminadas, portanto, como material de análise da pesquisa são aquelas que apareceram nos resultados por apresentarem algum termo próximo aos termos de busca, sem possuir, entretanto, relação com eles. É o caso do termo “*Índia*”, responsável pelo aparecimento de diversos registros que não possuem relação com a temática. Há também trabalhos cujos resumos citam o termo “*índios*” apenas como contextualização histórica de algo, ou ainda o termo “*psicológico*” e/ou “*psicologia*” referindo-se a um aspecto que não possui relação com o foco da produção em si. Por fim, deve-se chamar a atenção também para falhas nos próprios sistemas de busca, que selecionam por vezes inexplicavelmente produções que não possuem nenhuma relação com os termos empregados.

² Entram nesta categoria os trabalhos que pertencem a outros campos do saber científico, mas que dialogaram de forma explícita com a Psicologia, em maior ou menor grau.

³ Selecionando em seguida o campo « todas as palavras », ou seja, uma busca que contemple apenas os trabalhos nos quais ambos os termos apareçam.

⁴ Como este banco de dados possui produções apenas relacionadas à ciência psicológica seria redundante utilizar o cruzamento entre os termos, como realizado nas buscas anteriores. Considerou-se, portanto, suficiente a inserção dos termos “*índios*” e “*indígenas*” para localização dos trabalhos.

⁵ As Universidades Federais consultadas foram: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de Santa Catarina (UFSC), do Paraná (UFPR), de São Paulo (UNIFESP), de Minas Gerais (UFMG), do Espírito Santo (UFES), do Rio de Janeiro (UFRJ), do Mato Grosso (UFMT), de Goiás (UGF), do Mato Grosso do Sul (UFMS), do Tocantins (UFT), do Amazonas (UFAM), do Acre (UFAC), de Rondônia (UNIR), do Amapá (UNIFAP), de Roraima (UFRR), do Pará (UFPA), do Maranhão (UFMA), do Piauí (UFPI), da Paraíba (UFPB), do Ceará (UFC), de Pernambuco (UFPE), de Alagoas (UFAL), Bahia (UFBA), Sergipe (UFS) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

universidades seguidos de pesquisa em catálogos locais de ciências humanas ou de programas de pós-graduação em Psicologia quando possível (alguns deles dotados de um “link” para as teses e/ou dissertações defendidas no programa em questão). Quando a universidade dispunha de um catálogo de teses e dissertações (gerais) defendidas na instituição, este também era consultado procurando localizar novas produções ou confirmar as já localizadas.

Tal pesquisa minuciosa nos possibilitou encontrar um total de 15 novas produções de Psicologia relacionadas a questão indígena, sendo 06 dentre elas pertencentes à PUC-SP, duas à UCDB, duas a Universidade Federal do Sergipe (UFS), uma a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), uma a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), uma a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), uma a Universidade Federal do Pará (UFPA) e uma da Universidade de São Paulo (USP).

Considerando todas as buscas realizadas nas 04 diferentes fontes de documentos bibliográficos selecionadas encontramos um total de 49 produções acadêmicas a serem analisadas para que possamos compreender parte do “estado da arte” no que diz respeito à produção do conhecimento envolvendo psicologia e povos indígenas.

3. Análise dos Dados

Após detalhamento do percurso realizado em nossa busca podemos passar a uma análise mais aprofundada das produções a partir de seus resumos, buscando detectar suas principais características, os elementos presentes mais significativos, as lacunas e ausências, os pesquisadores mais envolvidos com tal temática etc.

Antes disso, entretanto, é necessário fazer algumas considerações a respeito da utilização dos “resumos” como lugar de consulta, pesquisa e análise, pois sob uma aparente homogeneidade, há de fato grande heterogeneidade entre eles, explicável não só pelas representações diferentes que cada autor tem deste gênero discursivo, mas também pelas características peculiares desta situação comunicacional, assim como pelas diferentes regras das entidades responsáveis pela divulgação do material, dentre outras.

Desta forma, quando assumimos os resumos como material de análise, devemos levar em consideração a natureza deste material, seu gênero discursivo, sua heterogeneidade e suas limitações. A partir deles é possível inventariar o estado de uma produção científica de um determinado campo sobre um determinado tema, imaginar tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, buscando responder não somente “quando”, “onde” e “quem” produz pesquisas num determinado período e lugar, mas também àquelas questões que se referem a “o quê”

e “o como” dos trabalhos. No entanto, não se pode perder de vista os elementos “perturbadores”: a heterogeneidade dos resumos que pode levar por vezes a impasses e confusões em sua leitura e análise; as dificuldades metodológicas inerentes a própria temática indígena, tais como a escolha dos termos apropriados em meio a conflitos epistemológicos entre denominações generalizantes/particularizantes; as dificuldades quanto às próprias fontes documentais, isto é, a maneira como estão catalogadas as produções bibliográficas, sejam os catálogos das universidades ou dos órgãos de fomento a pesquisa e por fim a forma de construção dos próprios resumos por seus diferentes autores e suas concepções sobre este gênero discursivo: problemáticas sem solução.

Entretanto, partimos das idéias de Ferreira (2002), acreditando que é possível estabelecer — a partir de uma ordenação dos resumos — uma rede formada por diferentes elos ligados por um mesmo suporte material que os abriga, pela opção teórica manifesta pelo tema que anuncia, pelo objetivo explicitado da pesquisa, pelo procedimento metodológico adotado pelo pesquisador. Segundo a autora, um conjunto de resumos organizados em torno de uma determinada área do conhecimento pode nos contar uma História de sua produção acadêmica, mesmo que seja necessário pensar que nesta História foram considerados apenas alguns aspectos dessa produção e que nela há certas limitações.

Este artigo conta, portanto, uma das histórias possíveis do campo de conhecimento psicológico sobre a temática indígena: é um recorte, e não uma verdade. Outros bancos de dados, outras fontes documentais, suportes materiais, metodologia de busca e de análise serão necessários e contarão provavelmente outras histórias que poderão dialogar, complementar e/ou refutar a que se apresenta aqui. Apenas constatamos que essas dificuldades não podem servir de pretexto para a não execução de um trabalho que tem, sem dúvida alguma, elementos a acrescentar tanto à Psicologia enquanto ciência, quanto a temática indígena enquanto questão social. Passamos, portanto, a uma análise descritiva dos materiais localizados.

3.1. Teses, dissertações, monografias, relatórios científicos: análise descritiva

Começamos por uma análise descritiva das características encontradas nos resumos do *corpus* das 49 produções localizadas na busca por teses de doutorado, dissertações, monografias, relatórios científicos, trabalhos de conclusão de curso etc. As seguintes categorias foram analisadas: os autores de tais produções, os orientadores (quando existentes), o grau de titulação ao qual se referem, o período (ano), as universidades as quais estão relacionados, a área geral do conhecimento ao qual pertencem, a subárea da Psicologia, os aportes teóricos utilizados (teorias e autores), os aspectos da metodologia

empregada na pesquisa (procedimentos, sujeitos e materiais), o caráter da pesquisa (teórico/prático) e as características das palavras-chave e termos de indexação empregados. Todas as 49 produções serão citadas ao longo de nossa exposição para que possam ser localizadas e consultadas pelos leitores do presente artigo, segundo seus interesses de pesquisa.

Em relação aos **autores** de tais trabalhos, constatou-se que das 49 produções diferentes apenas 04 apresentam um mesmo autor/pesquisador sendo este o caso de Guilherme do Nascimento Caldeira que apresenta dois relatórios de pesquisa de iniciação científica¹ (um relativo a 1997 e outro a 1998); José Osvaldo de Paiva, que apresenta uma dissertação de mestrado² e uma tese de doutorado³; Sonia Grubits com um mestrado na Puc-SP⁴ e uma monografia na UCDB⁵ e Yumi Gosso com uma dissertação⁶ e uma tese de doutorado⁷.

É interessante notar que dentre os trabalhos de tais autores 03 estão vinculados a Universidade de São Paulo, 02 à Universidade Federal de Sergipe, 01 a Universidade Católica Dom Bosco, 01 a PUC-SP e 01 a Universidade Federal do Pará — não estando concentrados, portanto, numa mesma instituição, mesmo se há leve predominância da USP sobre as outras. Quanto aos demais autores (41 no total) é difícil tirar conclusões. Pode-se levantar a hipótese de que tenham realizado um trabalho pontual e sem continuidade em relação à temática indígena, mas esta é uma hipótese vaga, visto que tais autores podem ter dado continuidade ao trabalho na área, mesmo que não vinculados ao âmbito acadêmico. Análises futuras de outros *corpus* (relativos a artigos de periódicos, livros ou apresentação de trabalhos em congressos) poderão nos fornecer mais informações a respeito de autores/pesquisadores que tenham uma produção relativamente significativa em tal campo-tema.

¹ CALDEIRA, G. do N. (1997 e 1998). *Um estudo sobre a brincadeira de faz-de-conta em crianças Xocó*. Relatório de pesquisa de iniciação científica CNPq, POSGRAP, Universidade Federal de Sergipe.

² PAIVA, J.O. de (2000). *O silêncio da escola e os Uru-Eu-Wau-Wau do alto Jamari*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo - USP.

³ PAIVA, J.O. de (2005). *Rupigwara: o índio kawahib e o conhecimento ativo nas diversas áreas de consciência*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo - USP.

⁴ GRUBITS, S. (1992). *A construção de uma identidade no conflito entre as culturas bororo e civilizada*. Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em Psicologia Social, PUC-SP.

⁵ GRUBITS, S. (1995). *Bororo: Identity in construction*. Monografias. Universidade Católica Dom Bosco – UCDB.

⁶ GOSSO, Y. (1999). *Expressão de raiva em duas culturas: o papel dos componentes faciais no seu reconhecimento*. Dissertação de Mestrado, Curso de Mestrado em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.

⁷ GOSSO, Y. (2005). *Peixe oxemoarai : brincadeiras infantis entre os índios Parakanã*. Tese de Doutorado em Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo –USP.

Quanto aos **orientadores** constatou-se que dentre as 49 produções, 06 não possuem especificação dos pesquisadores que orientaram o trabalho; 33 pesquisadores orientaram apenas uma produção e outros 04 orientaram mais de uma pesquisa, sendo eles: Maria Luisa Sandoval Schmidt, da USP, orientadora de 02 trabalhos (uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado de José Osvaldo de Paiva⁸, demonstrando que houve continuidade no trabalho conjunto dos pesquisadores em questão); Sonia Grubits, orientadora de 04 dissertações de mestrado⁹, todas ligadas ao Programa de Mestrado em Psicologia da UCDB (Campo-Grande/MS); Silvia Lane, que aparece como orientadora em dois trabalhos¹⁰ (uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado), ambos ligados ao Programa de pós-graduação em Psicologia Social da PUC-SP, fundado por esta pesquisadora e por fim, Antonio da Costa Ciampa, orientador de 02 teses de doutorado¹¹ também realizadas no Programa de pós-graduação em Psicologia Social da PUC-SP.

Cabe notar aqui a hipótese de que tais pesquisadores possam ter um envolvimento e interesse maiores e mais consistentes no que diz respeito à questão indígena, a ponto de orientarem ao menos mais do que um trabalho relativo à temática.

Em relação à **natureza/grau** de titulação dos trabalhos, constatou-se que a maior parte refere-se a dissertações de mestrado (32 dissertações, ou seja, aproximadamente 65% do total), seguida de 09 teses de doutorado (aproximadamente 18,37% do total), 04 Monografias (sendo duas relativas a trabalhos de conclusão de curso na PUC-SP), 02 relatórios de pesquisa de iniciação científica (na Universidade Federal de Sergipe) e 02 teses de Livre Docência.

Podemos levantar duas hipóteses aqui, relativas ao desequilíbrio entre a quantidade de dissertações e a quantidade de teses defendidas: há quantidade significativa de pesquisadores que realizaram suas dissertações de mestrado relativas à temática indígena, mas que mudaram de campo-tema ao dar seguimento a uma tese de doutorado ou há uma quantidade

⁸ PAIVA, J.O. de, *op. cit.*

⁹ São elas: LINO, A.R.S. (2006). *Influência das relações familiares no ajustamento escolar da criança Kaiowá*; CARDOSO, A.D.L. (2004). *Visionéu: uma reflexão sobre o idoso Terena, da aldeia Tereré, através do Rorschach*; CABRERA, D.S.P. (2006). *O cotidiano das famílias Terena: um estudo exploratório*; LACERDA, L.T. (2003). *A AIDS e as Índias Terena: uma questão epidêmica e de imaginário?*

¹⁰ SILVA, M.P.C. (2004). *Linguagem das Emoções; As relações de afetividade nos índios Kadiwéu*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP; COELHO, M.H.de M.(2000). *O poder no Mito: as relações de poder na sociedade Xavante, analisadas através dos mitos*. Tese de Doutorado, PUC-SP.

¹¹ GODOY, M.G.G. (1995). *Teko Axy: O misticismo Guarani Mbya na Era do sofrimento e da imperfeição*; NASCIMENTO, E.S. (2009). *Identidade e memória de habitantes de Fortaleza-CE originários da comunidade Tremembe de Almofoala-CE: ramos de raízes indígenas em trânsito na cidade*.

significativa de pessoas que após o mestrado não segue o percurso acadêmico, pelos mais diversos motivos (inserção em outros setores do mercado de trabalho, eventual falta de bolsas e recursos financeiros dedicados à pesquisa etc).

É interessante ressaltar também o aparecimento das duas teses de Livre Docência que passam pela temática indígena¹, indicando que tais autoras apresentam envolvimento maduro e consistente com a temática, o que pode ser confirmado por outras produções: Tardivo aparece como orientadora de uma dissertação de mestrado sobre o tema², além de possuir publicações de artigos científicos de nosso conhecimento abordando a temática indígena e Massimi, que possui produção significativa em História da Psicologia no Brasil e participação em projetos de pesquisa tais como a “Psicologia” dos jesuítas e suas influências na história da cultura brasileira, tema que passa — mesmo que indiretamente — pela questão dos povos indígenas.

Em relação aos **anos** em que tais pesquisas foram realizadas, notamos que há dois trabalhos que se referem ao ano de 1980³, data mais antiga dentre as produções localizadas por nós. Em seguida, temos um trabalho de 1992 e a partir daí notamos uma seqüência modesta — mas igualmente significativa devido ao seu caráter pioneiro — de produções nos anos 1994/1995 (03 trabalhos cada um), 1996 (01 trabalho), 1997 (02 trabalhos) e 1998/1999 (01 produção cada ano). Mesmo que esta seja uma produção ainda modesta é interessante refletirmos que é de certa forma neste momento (década de 90) que a Psicologia começa a se interessar de forma um pouco mais freqüente pela temática indígena, mesmo que pelo trabalho individual de pessoas isoladas.

A partir de 2000 a produção passa a ser um pouco mais significativa: mesmo que ainda pequena pode-se observar uma crescente, com seu auge em 2005 (08 produções), seguido de 2008 (06 trabalhos), sendo que para 2009 localizamos apenas uma produção, o que se deve provavelmente ao fato de ainda não estarem indexadas todas as produções

realizadas no ano em curso no momento de nossa busca (novembro/2009). Fato é que, a partir de 2000, a produção sobre a temática indígena no seio da Psicologia passa a ser mais freqüente: 04 produções em 2000; 03 em 2002 e 03 em 2004; 02 em 2003 e 04 em 2006 e 2007 (para cada ano). Os trabalhos neste campo-tema praticamente triplicaram nos primeiros 10 anos do século XXI em relação à última década do século XX, isso sem contar os de 2009 e 2010 ainda não indexados e/ou realizados. É claro que isso está provavelmente relacionado ao próprio aumento de universidade e produções acadêmicas no país, mas não podemos descartar também a possibilidade de um interesse crescente dos psicólogos por esta temática.

Em relação às **universidades** onde tais trabalhos foram realizados, encontramos para os 49 registros localizados uma diversidade de 15 instituições brasileiras diferentes, dentre as quais 04 são católicas, sendo elas: a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (com 10 produções), a Universidade Católica Dom Bosco (06 produções), a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (com 02 produções) e a Universidade Católica de Goiás (02 produções). Duas são metodistas, cada uma com uma ocorrência localizada: Universidade Metodista de São Paulo e Universidade Metodista de Piracicaba e todas as outras são universidades públicas, sendo elas: a Universidade de São Paulo (com 17 produções), a Universidade Federal de Sergipe (02 trabalhos) e com uma produção cada: a Universidade de Brasília, a Universidade Federal do Espírito Santo⁴, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Federal do Amazonas, a Universidade Federal do Pará, a Universidade Federal do Mato Grosso e a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

O conjunto mais significativo de produções na área se deve, portanto, à USP (aproximadamente 34,7% do conjunto total dos trabalhos), seguida da PUC-SP (aproximadamente 20,4%) e da UCDB (12,24%). É interessante notar que as duas universidades com maior quantidade de produções localizam-se no Estado de São Paulo e que em outras regiões do país com população indígena significativa não localizamos nenhum trabalho, o que não significa — é importante enfatizar — que eles não existam. Fatores diversos, tais como a prática de indexação de trabalhos nos catálogos das universidades ou sua inclusão nos principais bancos de dados da área; a tradição de tais universidades no âmbito da pesquisa; os incentivos financeiros e mesmo o tempo de existência de cada instituição são aspectos que variam significativamente de uma instituição para outra e que se encontram certamente dentre as razões de uma maior ou menor concentração de pesquisas em tal ou tal universidade.

¹ MASSIMI, M. (1995). *Descoberta, ação, conhecimento e poder no Brasil colonial: estudos histórico-psicológicos*. Tese de Livre Docência, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP-Ribeirão Preto; TARDIVO, L.S. de la P. C. (2004). *O adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje: reflexões psicológicas - encontros e viagens*. Tese de Livre Docência, Instituto de Psicologia Clínica, USP-SP.

² VIDILLE, W.F. (2005). *Práticas terapêuticas entre indígenas do alto rio negro: reflexões teóricas*. Dissertação de Mestrado, USP. Orientadora: Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo.

³ São eles: PICCINELLI, L.de M. (1980). *Recortes na observação do real: sobre a função intelectual de observação através da prova de Rorschach em um grupo Xavante: uma proposta para classificação de modalidades*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, USP-SP; CRUZ, M.Z.da (1980). *A percepção do ritmo musical entre adolescentes Xavante: um estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, USP-SP.

⁴ OLIVEIRA, K. de (2007). *Brincando na aldeia: brincadeiras de crianças guarani de uma aldeia em Aracruz - ES*. Dissertação de Mestrado, UFES.

Talvez seja mais interessante pensarmos que em relação às regiões as quais pertencem tais instituições e seus respectivos trabalhos, aproximadamente 46,7% situa-se na região Sudeste, seguido de uma concentração significativa na região Centro-Oeste (em torno de 33,3%), região também significativa no que diz respeito a quantidade e diversidade de etnias indígenas.

Partimos agora para uma análise de forma mais aprofundada das características das produções no que diz respeito à ciência psicológica, ou seja, quais as teorias, metodologias e conceitos mais utilizados assim como os temas e etnias privilegiados quando a psicologia se propõe a estudar a questão indígena.

De início, quanto às **áreas gerais** de conhecimento¹ as quais os trabalhos estão relacionados, encontramos os seguintes dados: 42 trabalhos (aproximadamente 85,7%) estão efetivamente vinculados a um Instituto ou Programa de pós-graduação em Psicologia; 03 estão ligados a área da Educação²; 02 trabalhos não possuem identificação do programa ou Instituto ao qual estão vinculados, embora a presença de termos relacionados à Psicologia seja significativa; um está vinculado a Saúde Pública³ e um ao programa de pós-graduação em Saúde e Ambiente/Saúde Coletiva da Universidade Federal do Mato Grosso⁴. No entanto, mesmo estes últimos — que não estão diretamente relacionados a Institutos/Programas de Psicologia — apresentam vínculo significativo com a ciência psicológica, evidenciado nos próprios títulos das produções em questão ou nas palavras-chave escolhidas pelos autores.

Quanto às **subáreas da Psicologia** as quais estão vinculados⁵ constatamos que: 16, dentre os 49 trabalhos não apresentam especificação da subárea da Psicologia

à qual estão relacionados; outros 16 pertencem ao âmbito da Psicologia Social, sendo um mais especificamente em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Programa EICOS – UFRJ)⁶; 06 se reportam a Psicologia Clínica; 05 à Psicologia do Desenvolvimento Humano, sendo 03 dentre eles à Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano e os outros 02 à Psicologia Infantil; 02 referem-se ao subdomínio de Neurociências e Comportamento⁷; um se refere à Psicologia Experimental; um a Psicologia da Saúde⁸; um à Etnopsicologia e finalmente um a Psicologia Comportamental⁹.

Quanto aos **aportes teóricos** empregados nestas pesquisas, notamos uma predominância de trabalhos vinculados, de forma geral, a Psicanálise (aparecendo especificações como Teoria das Pulsões, Teoria das Relações Objetivas, teses freudianas etc) somando no total 08 produções. Em seguida 02 trabalhos que citam aportes fenomenológicos (fenomenológico naturalístico e fenomenológico-existencial¹⁰); 02 que citam a Hermenêutica (Hermenêutica crítica e Hermenêutica dialética); 02 relacionados à Psicologia Sócio-histórica¹¹ e com uma aparição para cada o Psicodrama, a Teoria do Contato Intergrupal¹² e o Construcionismo Social. No entanto, constatamos que são raros os resumos que citam nomes específicos de teóricos utilizados nas pesquisas: 41 trabalhos (aproximadamente 83,67%) não citam nenhum autor e dentre as 08 (em torno de 16,33%) pesquisas a citarem algum teórico aparecem os nomes de: Freud (em 02 produções); Winnicott (também em 02 pesquisas); Jung; G.H. Mead¹³; Donald Woods¹⁴; a “hermenêutica dialética” tal como proposto por Minayo e em uma mesma produção os nomes de Silvia Lane, Gonzalez-

¹ Para determinar a área geral do conhecimento a qual se encontra vinculada uma produção utilizamos-nos das informações sobre o programa de pós-graduação ao qual a produção aparece vinculada e/ou ao título conferido ao pesquisador. Quando as informações não eram suficientes procuramos consultar o currículo do autor através do *Sistema de Currículos Lattes* (quando disponível) como forma de possuímos mais precisão em nossos dados.

² São eles: MUNIZ, E. do N.S. (2006). *Psicologia na formação de professores(as) indígenas Sateré-Mawé*. Dissertação de Mestrado, UFAM; SCAFFI, N. (2002). *Assumindo as diferenças: índios, AIDS, programas de prevenção – uma contribuição metodológica a partir dos pressupostos do psicodrama*. Dissertação de Mestrado, UFMS; NETO, S.C.N. (2003). *A destribalização da alma indígena – Brasil, século XVI: uma visão junguiana*. Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de Piracicaba.

³ GONÇALVES, L. de J.M. (2007). *Entre culturas: uma experiência de intermediação em saúde indígena*. Dissertação de Mestrado, USP.

⁴ QUILES, M.I. (2000). *Um estudo Etnopsicológico do comportamento alcoólico entre os índios Bororo de Meruri (Mato Grosso)*. Dissertação de Mestrado, UFMT.

⁵ Para determinar a subárea da Psicologia utilizada na produção servimo-nos apenas de dados explicitados nos trabalhos (seja no título, no campo “assunto”, “palavras-chave” ou no próprio “resumo”), mas não fizemos inferências, para evitar prováveis enganos. Quando não explicitada, classificamos a produção como subárea “não identificada”.

⁶ CARDOSO, J. de S. (2000). *O resgate da identidade como estratégia de sobrevivência entre os Índios Pataxó*. Dissertação de Mestrado, UFRJ.

⁷ São eles: LAPA, D.W.C. (2006). *Ritmos biológicos em índios Guarani adultos*. Tese de Doutorado, USP; TORRES, F. de J. (2005). *Ciclo vigília/sono em adolescentes de uma população indígena*. Dissertação de Mestrado, USP.

⁸ ARIAS, G.S. (2008). *Psicodinâmica familiar a partir da percepção de crianças indígenas Guarani Mbya de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Univ. Metodista de São Paulo.

⁹ OLIVEIRA, C.S. de (2004). *O desvelamento do mundo Karajá colhido pelos nomes e pelas imagens do Psicodiagnóstico de Rorschach*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Goiás.

¹⁰ LONDONO, M. (1996). *A loucura entre os índios Witoto: uma aproximação fenomenológico-existencial*. Monografia de Conclusão de Curso em Psicologia, PUC-SP.

¹¹ CABRERA, D.S.P., *op.cit.* e BARA, O. (2008). *Psicologia e Povos Indígenas: enfrentando a questão da educação*. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Psicologia, PUC-SP.

¹² MARTIGNONI, T.V.L. (2008). *Contato, Sentimentos intergrupais e dívidas históricas: o caso dos Indígenas em Goiás*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Goiás.

¹³ PEREIRA, M.C.S. (1994). *Socialização Secundária nos Kaingang*. Tese de Doutorado, USP.

¹⁴ MOURE, W.G. (2005). *Saudades da cura: estudos exploratórios de terapêuticas de tradição indígena da Amazônia peruana*. Tese de Doutorado, USP.

Rey, Agnes Heller e Wallon.

Em relação aos **aspectos metodológicos** das pesquisas notamos — no que se refere aos procedimentos de coleta de dados — o predomínio da “observação” como o método mais utilizado pelos psicólogos (em 14 pesquisas), aparecendo termos tais como “observação participante” (03), “observação etnográfica” (01), “observação subordinada a roteiro” (01), etc; seguido do procedimento de “entrevistas” (em 12 pesquisas), algumas apontando também suas particularidades, tais como entrevistas abertas/não-estruturadas (01), entrevistas semi-estruturadas/semi-dirigidas (04), entrevistas subordinadas a roteiros (01) etc; após, a revisão da literatura, pesquisa bibliográfica e consulta a documentos (em 09 trabalhos); os relatos orais, depoimentos e narrativas (utilizados também em 09 pesquisas); o emprego de procedimentos clínicos (04 pesquisas); etnográficos (04); histórias de vida (03) e, por fim pesquisas que se autodenominam de forma geral como “qualitativas” (07). Particularmente no que diz respeito aos materiais utilizados para compreensão dos fenômenos encontramos: desenhos/ produção artística (05 pesquisas), fotografias (03), documentos/textos, tais como cartas de colonos, textos de cronistas e etnógrafos (03), filmagem (01), mitos (03 pesquisas, sem especificação dos procedimentos pelos quais foram recuperados), brincadeira de faz-de-conta/brincadeiras infantis (04) e casos clínicos/situações clínicas (02). Por fim, como instrumentos psicológicos propriamente ditos são citados: a Prova ou Psicodiagnóstico de Rorschach (03 trabalhos); o Procedimento de Desenho Temático (02 trabalhos); Procedimento De Desenhos de Família com Estórias (01); Oficinas Lúdicas (01); o Questionário de Hábitos de Sono e o Questionário de Matutividade e Vespertinidade (01 trabalho). É importante ressaltar que 11 dentre as 49 pesquisas não fornecem dados sobre a metodologia empregada pelos autores.

Passemos então as características dos **sujeitos** das pesquisas (etnia, localização, faixa etária e gênero). De início, é importante ressaltar que ao todo foram citadas 25 diferentes etnias nos trabalhos em questão. Há trabalhos que envolveram mais do que uma população indígena e há apenas 07 trabalhos que não explicitam o nome da etnia com a qual trabalharam, sendo que 03 dentre eles parecem ser de caráter apenas teórico, não implicando na presença do pesquisador em alguma comunidade/local específico (o que entretanto não implica na sua ausência do campo-tema). As etnias que consistiram em foco das pesquisas são: primeiramente os *Guarani* (em 10 pesquisas, dentre as quais 04 são da etnia *Guarani/Kaiowá* e 03 da etnia *Guarani/Mbya*); os *Terena* (em 05 pesquisas); os *Bororo* (03); os *Xavante* (03); os *Parakanã* (03); os *Kawahib* (02); os índios *Xocó* (02); os *Pankararu* (02). A parte estes grupos que figuram em mais de um trabalho, encontramos uma pesquisa que foi realizada com a população ribeirinha em Rondônia (e que está portanto

indiretamente relacionada ao campo-tema indígena)¹ e uma verdadeira variedade e heterogeneidade de comunidades e etnias, sendo algumas delas: os *Avá-Canoeiros*, os *Karajá*, os *Kadiwéu*, os *Pataxó*, os *Tukano*, os *Xerente*, os *Kaapor*² entre outros, todos eles localizados em diferentes regiões do país, como veremos agora.

Desta forma, em relação ao **local** de realização de tais pesquisas notamos que há uma maior concentração de trabalhos realizados com etnias do estado de Mato Grosso do Sul (09 trabalhos), seguido do Estado de São Paulo (05) e depois com 03 pesquisas em cada os Estados do Tocantins, Amazonas e Mato Grosso. Como localização de duas pesquisas aparecem os Estados de Goiás, de Rondônia e o Pará e relativos a uma única pesquisa, os Estados do Ceará, Espírito Santo e Maranhão. Em relação as cidades há 04 que se repetem, tendo sido local de mais de uma pesquisa: a cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM), a cidade de Dourados (MS), Sidrolândia (MS) e São Paulo (SP). Quanto às aldeias ou comunidades mais especificamente, não há, aparentemente, nenhuma que se repita e há uma pesquisa que foi realizada na Casa de Saúde do Índio em São Paulo, englobando diversas etnias. Há, entretanto, 15 pesquisas que não explicitam, ao menos no resumo, a localização da aldeia ou comunidade³ com a qual trabalharam.

No que diz respeito à **faixa etária** dos sujeitos estudados, constatamos que em mais da metade dos resumos (em 30) não aparecem dados sobre esse aspecto. Das 19 produções que nos informam algo, notamos uma maior concentração de estudos com a população infantil (07), seguida de jovens/adolescentes (04), idosos (03), adultos (02) e 03 pesquisas que envolveram faixas etárias mistas. A maioria dos resumos, no entanto, não apresenta especificação exata de faixa etária dos sujeitos, assim como informações sobre o **gênero**. Os dados relativos a este fator (gênero) não são, portanto, muito significativos, visto que temos uma gama de 39 trabalhos que não fornecem nenhuma informação a respeito. Dos 10 resumos que nos fornecem elementos relacionados a este tópico, 05 são relativos a pesquisas envolvendo essencialmente a população feminina, 04 envolvem tanto homens quanto mulheres e somente uma diz trabalhar exclusivamente com a população masculina.

De qualquer forma e mesmo se os dados neste tópico são muito precários para que possamos tirar conclusões mais aprofundadas, é interessante notar o

¹ MEDEIROS, M.A.V.de (2005). *O pai nos mitos amazônicos: uma leitura psicanalítica*. Tese de Doutorado, USP.

² TEIXEIRA, R.W.R. (1994). *Mitos, Psicanálise e o Simbolismo na Cultura Kaapor*. Dissertação de Mestrado, PUC-Campinas.

³ O que denominamos aqui, de forma geral, “comunidade indígena” recebeu dos diferentes autores denominações diversas, tais como: aldeia (majoritariamente), reserva, comunidade, grupo, sociedade, bairro e tribo (este último em um único trabalho).

predomínio de estudos com a população feminina, o que pode nos levar a hipótese de que o cruzamento entre questão indígena e psicologia traz aspectos interessantes para se pensar novas perspectivas em relação às questões de gênero.

Se analisarmos mais a fundo tais trabalhos, percebemos que eles não estão ligados necessariamente a uma discussão de gênero, mas de alguma forma tais autores delimitaram a população feminina como a principal e mais habilitada para responder as questões que permeavam suas pesquisas. Tais trabalhos tratam, de forma resumida: 1) da questão da AIDS entre as índias *Terena*, procurando compreender se há semelhanças e/ou diferenças entre índias e não-índias no que se refere ao comportamento sexual de risco e discutindo, de forma geral, se a AIDS é uma questão colocada para a humanidade resolver de maneira meramente epidêmica e/ou imaginária¹; 2) da expressão das emoções e relações de afetividade entre mães e crianças *Kadiwéu*²; 3) da questão da identidade em mulheres indígenas de diferentes etnias, procurando compreender a dinâmica de transformação no seio destas sociedades e o papel destas mulheres na preservação das tradições do grupo e na transmissão dos valores tradicionais³; 4) da saúde reprodutiva na perspectiva de universitárias da etnia *Guarani/Kaiowá*, buscando compreender os sentidos e os repertórios que são utilizados para abordar o tema, numa perspectiva do construcionismo social⁴ e por fim 5) um trabalho realmente voltado para a questão de gênero, buscando investigar como mulheres *Xerente* posicionam-se sobre a construção de suas identidades e condição feminina, em narrativas sobre suas histórias e acerca das transformações da cultura de seu povo⁵. Neste trabalho, a autora chama a atenção para o fato de que grande parte dos estudos disponíveis que abordam a relação entre gênero, identidade e cultura refere-se às sociedades urbanizadas e que muito pouco se tem feito com grupos de outros tipos de organização social e contexto de vida, tais como diversas etnias indígenas, que “permanecem praticamente fora do escopo das investigações, especialmente na Psicologia” (Sifuentes, 2007: ix)⁶.

Quanto ao **caráter das pesquisas**, no que diz respeito a envolverem ou não um trabalho direto em comunidades indígenas — sejam elas denominadas “aldeias”, “reservas”, “favela”, “bairro” ou

“comunidade” — notamos que 27 pesquisas deixam clara a presença direta e efetiva do pesquisador em tais contextos sem, no entanto, que forneçam maiores informações sobre a duração e período de inserção (apenas 05 dentre estes 27 trabalhos informam a duração/frequência de permanência do pesquisador em tais comunidades).

Dezesseis trabalhos não fornecem nenhum dado sobre a inserção ou não dos pesquisadores em comunidades indígenas e 03 são aparentemente de caráter teórico. É importante ressaltar, no entanto, que os trabalhos realizados diretamente em comunidades não excluem a possibilidade de que o pesquisador tenha realizado buscas e levantamentos bibliográficos de caráter teórico, assim como a situação inversa, ou seja, o fato de terem realizado trabalhos de caráter teórico envolvendo a questão indígena não exclui tais trabalhos do campo-tema indígena, daqui a importância de se emprestar tal conceito, pois estamos certas de que pesquisas teóricas no âmbito da ciência psicológica envolvendo a questão indígena são tão relevantes (e bem-vindas) quanto aquelas que resultam da presença do pesquisador nas comunidades. Além disso, é interessante notar que as 03 pesquisas restantes — para somar o total de 49 — não se referem a trabalhos de caráter teórico, mas também não implicaram a inserção do pesquisador em comunidades indígenas: elas foram realizadas em outros espaços onde tal temática encontra-se presente (mais um aspecto da noção de campo-tema), sendo eles: a Casa do Índio em São Paulo, a Faculdade Integrada de Amambaí -MS e o Projeto Pindorama na PUC-SP.

Por fim, para uma análise dos termos utilizados como **palavras-chave** ou indexados como assunto, criamos seis categorias diferentes: 1) para os termos que se referem de alguma forma aos sujeitos da pesquisa (como por exemplo: *índios Guarani*); 2) para termos que se relacionam especificamente ao aspecto regional da pesquisa, a localização desta (exemplo: *Amazônia*); 3) para os termos que designam de forma geral o assunto abordado no trabalho (exemplo: *suicídio*); 4) termos que designam conceitos da Psicologia ou de áreas afins adotados pelo pesquisador⁷ (exemplo: “*identidade*”); 5) para termos que se referem aos materiais utilizados na pesquisa (exemplo: *desenhos*) e 6) para termos que se referem à área do conhecimento ou âmbito científico do estudo em questão (como por exemplo: *Psicologia Social*). Encontramos, no total, um conjunto de 209

¹ LACERDA, L.T. *op.cit.*

² SILVA, M.P.C. *op.cit.*

³ SILVEIRA, M.L. (2002). *Identidade em mulheres índias: um estudo sobre processos de transformação*. Dissertação de Mestrado, USP.

⁴ BERZUINI, V.L.P. (2008). *Saúde reprodutiva em foco: conversando com universitárias da etnia Guarani-Kaiowá*. Dissertação de Mestrado, UCDB.

⁵ SIFUENTES, T.R. (2007). *Mulheres indígenas Xerentes: narrativas culturais e construção dialógica da identidade*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da UnB.

⁶ *Ibid.*, p.ix (resumo).

⁷ Esta categoria está estreitamente relacionada à categoria anterior, mas resolvemos separá-las para facilitar a análise, lembrando que esta é uma separação arbitrária e sujeita a equívocos. No entanto, consideramos de utilidade separar o que pode ser considerado “tema” da pesquisa, como a “*AIDS*”, a “*mitologia*”, o “*suicídio*” de outros constructos teóricos trabalhados no âmbito da Psicologia ou áreas afins, tais como “*identidade*”, “*personalidade*” ou “*consciência*” etc.

ocorrências de termos indexados como palavras-chave no *corpus* dos trabalhos analisados; destas 209 ocorrências 32 se repetem, aparecendo em pelo menos mais de um trabalho. O conjunto foi classificado segundo as categorias expostas acima e apenas 02 trabalhos não apresentaram palavras-chave indexadas.

Temos aqui, portanto, nas seis categorias diferentes: **1) sujeitos:** para a qual obtivemos 63 ocorrências, ou seja, dentre o total de 209 palavras-chave encontradas, aproximadamente 30,14% referem-se de alguma forma a características dos sujeitos da pesquisa, sendo que deste total, 38 termos são diferentes entre si e 10 aparecem pelo menos em mais de uma pesquisa (exemplo: o termo “índios” é utilizado como palavra-chave em 11 pesquisas diferentes); **2) localização:** apenas 05 ocorrências, representando 2,39% do total das palavras-chave; **3) assunto:** categoria na qual aparecem 48 ocorrências (22,97% do total) sendo 37 termos variados e 06 que aparecem mais de uma vez; **4) conceitos:** nesta categoria encontram-se aproximadamente 19,14% (40 termos) do total de palavras-chave indexadas nas pesquisas, sendo que 08 termos aparecem mais de uma vez; **5) materiais:** apenas 07 palavras-chave (3,35% do total) aludem ao material utilizado na pesquisa e somente 01 dentre eles aparecem mais de uma vez e por fim, **6) área do conhecimento:** 46 ocorrências (22,01%) encaixam-se na categoria relativa à área do conhecimento a qual a pesquisa esta relacionada, sendo que aparecem 19 termos diferentes e 06 que se repetem em mais de uma pesquisa (exemplo do termo “Psicologia”, presente como palavra-chave em 12 pesquisas diferentes, como veremos adiante).

Desta pré-análise já podemos visualizar que ao escolher as palavras-chave para indexação de seus trabalhos no âmbito da Psicologia, os pesquisadores, de maneira geral, privilegiam e enfatizam os aspectos relativos à população com a qual trabalharam, isto é, os **sujeitos** da pesquisa propriamente ditos, seguido dos termos que se referem ao assunto geral da pesquisa, a delimitação da área ou subárea do conhecimento a qual o trabalho pertence, os conceitos teóricos gerais utilizados e por fim, bastante distante destes, a escolha por termos que explicitam os materiais empregados e/ou aspectos metodológicos e a localização geográfica da pesquisa (com aparição quase insignificante).

No que diz respeito ao primeiro grupo (sujeitos), notamos a predominância massiva de termos que se referem às populações indígenas pesquisadas, ou seja, de um total de 63 ocorrências, 55 fazem alusão, de alguma forma, ao fator indígena. Há 24 termos que se referem aos nomes específicos das etnias com as quais a pesquisa foi realizada, confirmando-se aqui os dados obtidos anteriormente, ou seja, o predomínio da etnia Guarani (07 ocorrências), seguido dos índios Terena (04). No entanto, o que nos interessa aqui, não é constatar as etnias mais ou menos citadas (algo

analisado anteriormente), mas sim a forma pela qual os pesquisadores denominam os grupos indígenas com os quais trabalharam. Desta forma, notamos um quase equilíbrio entre o uso de termos específicos (24) e o uso de termos genéricos (27), com um leve predomínio deste último, dentre os quais aparece com mais frequência a denominação mais generalizada possível, sem nenhuma forma de especificação (em termos geográficos e/ou étnicos) tais como o termo “índios” (11 ocorrências), “cultura indígena” (03), “indígenas” (02 ocorrências), “povos indígenas” (01) e “povos primitivos” (01). Ainda entre os termos generalizantes, mas já com alguma especificação — ao menos quanto ao fator geográfico — encontramos “Índios do Brasil/índios brasileiros” (04 ocorrências), “Índios de Mato Grosso” (02), “Índios da América do Sul” (02) e “índios de Tocantins” (01), sem, no entanto, especificações quanto às etnias propriamente ditas. Em seguida, notamos um conjunto de 13 ocorrências para termos que se referem, de alguma forma, ao segmento da população estudada no que diz respeito à faixa etária, gênero, ocupação etc, ou seja: quanto à faixa etária, termos como “adolescentes/adolescência” (04 ocorrências), “idosos” (01) e “crianças indígenas” e “crianças Guarani” (02); quanto a gênero “mulheres índias/mulheres Terena/mulheres” (03 sendo que um apresenta, além do segmento populacional estudado quanto a gênero, a etnia com a qual a pesquisa foi realizada); quanto à ocupação “professores indígenas” (01) e “universitárias/estudantes indígenas” (01) e por fim o termo “pais” (01).

Quanto aos 24 termos de especificação dos grupos indígenas que aparecem nos trabalhos estudados, a maioria aparece com o termo “índios” antes do nome específico da etnia (exemplo: Índios Pataxó, Índios Kadiwéu, Índios Pankararu etc, somando um total de 14 pesquisas cujas palavras-chave referem-se a tal operação: índios + nome étnico); 04 referem-se diretamente ao nome da etnia, sem nenhum termo anterior (ex: “Guarani”, “Bororo”, “Ava – canoeiros”); 02 possuem o termo “etnia” antes do nome específico (ex: “etnia Bororo”, “etnia Guarani/Kaiowá”); 01 possui o termo “cultura” antes do termo específico (ex: “Cultura Guarani”); 01 o termo “indígena” antes do nome do grupo em questão (ex: “Indígenas Guarani Mbya”); 02 apresentam, antes do nome étnico, características do segmento populacional (ex: “crianças Guarani/Kaiowá”, “mulheres Terena”).

Quanto à segunda categoria referente ao aspecto regional da pesquisa, encontramos apenas 04 termos diferentes: “Amazônia” (com 02 aparições), “Fortaleza-CE” (01 aparição), “Brasil” (01) e “Favela Real Parque” (01)¹. A pequena quantidade de termos não possibilita nenhum tipo de conclusão;

¹ FRANÇA, V.A. (2008). *Da aldeia à favela: estudo da identidade de índios Pankararu no Real Parque*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP.

o único aspecto significativo a chamar a atenção é a pouca importância dada aos pesquisadores a este elemento de localização geográfica da pesquisa dentre as palavras-chave indexadas.

Quanto ao terceiro grupo, destacam-se como assuntos abordados pelos pesquisadores a temática envolvendo, de forma geral, os mitos e/ou mitologia (05 produções), seguidos de brincadeiras de criança/brincadeiras de faz-de-conta (04 produções), a questão geral da saúde (num total de 04, dentre elas os termos “saúde indígena”, “saúde reprodutiva indígena”, “saúde e higiene”), a religião/religiosidade indígena (03), suicídio (02)¹, AIDS (02 pesquisas) e as relações familiares/família (02). Após, temos grande uma diversidade de termos que aparecem apenas uma vez, sendo que 04 estão — mesmo que indiretamente — relacionados à questão geral da saúde, sendo eles os termos: “doença”, “prevenção”, “comportamento alcoólico” e “drogas (vício)”, cada um com uma única ocorrência; 04 termos fazem referência ao aspecto biológico, tais como: “ciclo vigília-sono”, “ritmos biológicos”, “temperatura do corpo” e “percepção auditiva”; 03 parecem se referir aos aspectos místicos das culturas indígenas, tais como: “xamanismo”, “misticismo” e “rituais de cura”; 02 a questão educacional (“comportamento escolar” e “formação de professores”) e por fim, trabalhos que tratam de assuntos diversos, sem relação significativa entre si, tais como: “vida e costumes sociais”, “delinquência juvenil”, “relações de afetividade”, “sincronização” etc.

Em relação à quarta categoria (conceitos utilizados) destacamos a forte presença do conceito de identidade (com 10 ocorrências), aparecendo aqui de formas diversas, tais como: “identidade cultural” (02), “identidade social” (02), “identidade étnica” (01), “identidade étnica/social” (01) ou simplesmente “identidade” (04). De qualquer forma, é o conceito que mais aparece dentre os escolhidos como palavras-chaves dos trabalhos em questão, demonstrando ser um campo de interesse do pesquisador em Psicologia ao tratar da temática indígena. Em seguida, notamos a presença do conceito de Cultura (em 03 trabalhos); memória (03 trabalhos)²; diferenças culturais/diferenças interculturais (03 produções); aspectos psicológicos (02) e o termo “intergrupais” (também em duas produções, aparecendo os termos

“sentimentos intergrupais” e “contato intergrupais”). À parte isso, notamos a presença de uma variedade de conceitos sem estreita relação entre si (ou pelo menos não a ponto de formarem grupos), tais como: “animismo”, “consciência”, “avaliação terapêutica”, “personalidade”, “percepção”, “desenvolvimento psicossocial”, “interação interpessoal”, “emoções”, “subjetividade”, “inclusão social”, “produção de sentidos” etc, cada um destes termos com uma única ocorrência.

Quanto aos materiais notamos a presença do termo referente ao Psicodiagnóstico/teste ou prova de Rorschach (03 aparições); 02 que se referem a desenhos (“Procedimento de Desenhos-estória com tema” e “desenhos”); produção artística (01) e documentação (01). No que diz respeito a esta categoria, também não possuímos grandes elementos para avançar em nossa análise, sendo importante apenas ressaltar mais uma vez a pouca ênfase dada pelos autores aos termos de indexação referentes aos aspectos metodológicos da pesquisa, o que não implica necessariamente em negligência destes aspectos ao longo da pesquisa em si.

Em relação a sexta e última categoria, notamos a forte presença de termos que fazem referência a uma característica específica da área (campo teórico ou subárea do conhecimento psicológico), sendo eles: a Psicologia Social (09 ocorrências), Psicologia Clínica (04), Psicanálise/Teoria Psicanalítica (03), Psicologia Infantil (02) e com uma única ocorrência, os termos: “Psicologia Comportamental”, “Psicologia do Desenvolvimento Humano”, “Etnopsicologia”, “Psicologia Étnica”³, “Psicologia Nativa” e “Psicodinâmica”, somando um total de 24 termos (dentre um total de 46) que fazem alusão a subárea ou domínio teórico da pesquisa. Há 12 ocorrências (dentre as 46) para o termo geral “Psicologia” sem maiores especificações de campo teórico ou subárea; 03 termos que se referem a autores específicos (“C. G. Jung”, “Winnicott” e “Donald Woods”), demonstrando que os autores centrais utilizados nas pesquisas não figuram dentre as palavras-chave privilegiadas para indexação dos trabalhos e por fim, encontramos 07 ocorrências para termos que se referem a algum outro campo do conhecimento que não a Psicologia, sendo eles a Educação (03 ocorrências), a Antropologia (02 aparições), a Etnografia (01) e a História (01); quanto a estes aspectos, a pequena quantidade de termos não nos possibilita tirar grandes conclusões, sendo precipitado afirmar que os pesquisadores da área da Psicologia dialogam prioritariamente com a Educação ao abordarem a temática indígena. Outras buscas e talvez a leitura dos trabalhos na íntegra possibilitariam maiores conclusões a respeito. Entretanto, é interessante notar, em relação a essa categoria, a

¹ TERRA, A.R. (1994). *O suicídio de jovens indígenas Kayowas de Dourados M.M. – Uma explicação psicológica*. Dissertação de Mestrado, PUC-Campinas e COIMBRA, M.C.C. (1997). *O grito sufocado de morte dos Kaiowá e o conceito psicanalítico de pulsão*. Monografia, Especialização *Latu Sensu* em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica, COGEAE, PUC-SP.

² SILVA, C.R. (2005). *Memória e Identidade – Estudo Psicossocial de uma comunidade indígena em extinção: os Ava – canoeiros*. Dissertação de Mestrado, Univ. Católica de Goiás; SOUZA, S.B. (2002). *Cultura e Memória entre os índios Terena: conflitos, transformações e preservação*. Dissertação de Mestrado, USP; NASCIMENTO, E.S.do, *op. cit.*

³ MÜLLER, W. (2007). *Frestas e frinchas : imanência no pensamento indígena*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP.

preocupação dos autores em delimitar a subárea da ciência psicológica a qual o trabalho pertence. Além disso, os dados aqui obtidos confirmam a análise anterior que nos levou à Psicologia Social como a subárea predominante e a Psicanálise como o aporte teórico mais utilizado nas pesquisas psicológicas envolvendo populações indígenas.

4. Discussão dos Dados

A análise descritiva realizada do *corpus* construído após exaustivas buscas nos traz interessantes elementos para reflexão e discussão sobre as principais características da produção em Psicologia ao abordar a temática indígena, nos possibilitando uma visão preliminar do “estado do conhecimento” da Psicologia sobre o tema.

Primeiramente a constatação, não muito surpreendente, da pouca inserção da ciência psicológica no que diz respeito à temática indígena. Campo-tema predominantemente da Antropologia, História e Educação a questão indígena ficou completamente de fora das preocupações e do olhar dos psicólogos até quase os dias atuais. Mesmo que possamos constatar uma recente e tímida inserção, a produção é ainda escassa e mais escasso são os autores que parecem desenvolver um trabalho, seja de pesquisa seja de intervenção, de forma contínua e consistente com os povos indígenas. Se considerarmos o período de tempo entre a primeira produção localizada (1980) e a mais atual (outubro de 2009), o conjunto de 49 produções — num espaço de tempo de 29 anos, portanto — é relativamente pequeno se comparado a outras áreas das ciências humanas.

De qualquer forma, é preciso ressaltar que apesar da pouca produção, as análises realizadas nos abrem uma perspectiva positiva em relação ao que já foi produzido até agora e mesmo em relação ao porvir. Nota-se um crescente esforço de debate e interlocução entre psicólogos trabalhando com a temática indígena, tal como foi exposto no começo do artigo, no que diz respeito a apresentação de trabalhos em congressos científicos e as iniciativas do *Conselho Regional de Psicologia de São Paulo*, já mencionadas.

A análise é, portanto, positiva no que diz respeito ao conjunto das produções realizadas. A maioria dos trabalhos deixa explícito em seus títulos à qual etnia estão vinculados (71,43%), ou seja, apesar do quase equilíbrio entre termos de indexação generalizantes (tais como “*índios*” e “*indígenas*”) e termos específicos (tais como “*Índios Kadiwéu*” ou “*Índios Guarani/Kaiowá*”), a grande parte dos pesquisadores preocupa-se em explicitar a etnia com a qual trabalharam já no próprio título da produção, o que consideramos fundamental¹. O mesmo não ocorre

em relação a localização geográfica, que aparece explicitada no título em apenas 24,49% das pesquisas e ainda em menor quantidade nos termos escolhidos como palavras-chave; informações sobre tal aspecto aparecem, entretanto, na grande maioria dos resumos (em mais de 70% dos trabalhos).

Ressaltamos aqui a necessidade do maior detalhamento possível no que diz respeito à etnia indígena que se encontra no foco da pesquisa (senão no título e nos termos escolhidos como palavras-chave, no próprio resumo da obra), sendo imprescindíveis os dados relativos à sua localização geográfica e ao segmento da população envolvido na pesquisa — este último fator um tanto negligenciado nas produções analisadas. A questão da localização geográfica, por exemplo, — ausente somente em 08 produções — é fundamental quando abordamos a temática indígena, indissociável da questão da territorialidade: uma etnia indígena não existe senão em relação a seu território, sendo estreita a relação pessoa-espço e constituindo uma das problemáticas principais quando tratamos da questão indígena.

Quanto aos termos generalizantes, é importante ressaltar a sua importância no que diz respeito à localização das produções. O rastreamento de trabalhos que apresentam como palavras-chave apenas o nome da etnia (ex: “*Bororo*”) são mais dificultados, sendo este um dos principais paradoxos do campo-tema: a necessidade de utilizar termos que representam pressupostos que desejamos superar. Uma das possibilidades defendidas aqui concerne a utilização do termo genérico seguido do nome étnico, como acontece em parte das produções analisadas (ex: “*Índios Terena*”) e que possibilita maior facilidade na localização das pesquisas, sem que se caia na reprodução inconsciente de ideologias equivocadas e subjugadoras.

Este paradoxo, como foi exposto acima, está estreitamente imbricado no campo-tema e se estende a âmbitos ainda mais amplos, como o das políticas públicas nacionais voltadas aos povos indígenas, por exemplo. Essas políticas ocorrem quase que inteiramente numa esfera generalizante, englobando regiões, realidades e sociedades extremamente diferentes entre si, com particularidades culturais e históricas fundamentais que não poderiam ser ignoradas; a dinâmica entre específico/genérico, homogêneo/heterogêneo, particular/universal, igualdade/diferença parece encontrar-se, no entanto, no centro dos conflitos envolvendo as populações indígenas desde a chegada dos europeus em continente americano no século XVI. Mas, nos dias atuais, será que ainda não podemos pensar em tantas políticas públicas específicas quanto forem as etnias indígenas diferentes? Ao menos no que diz respeito as políticas

¹ Como exemplo o trabalho de NOBRE, D.M. (2008). *Retratos de aprendizagem Guarani Mbya: um estudo de psicologia social*

sobre experiências de aprendizagem na Aldeia Pyau. Dissertação de Mestrado, USP.

públicas em nível regional? Este é um aspecto cada vez mais discutido no âmbito da luta indígena nacional, que em muitos aspectos ocorre de forma global, mesmo se implicando demandas particulares e muitas vezes bastante diferenciadas entre si, reproduzindo, portanto, a dinâmica de especificidade/generalidade já mencionada.

Talvez venha daí — como causa ou resultado, aspecto difícil a precisar — o interesse majoritário dos pesquisadores no âmbito da Psicologia por temas que englobam as questões relativas à identidade/diferenças culturais (interculturais) e memória, situando tais produções numa interlocução estreita da Psicologia com outros âmbitos do conhecimento científico, tais como a Antropologia e a História. As questões culturais e identitárias encontram-se, portanto, no centro do interesse da Psicologia ao abordar a temática indígena e estamos certas da contribuição que esta ciência pode trazer ao debate social, político e científico de tal campo-tema. Os aportes teóricos sobre identidade e a questão da demarcação da diferença tão trabalhados no seio da ciência psicológica nos parecem essenciais para trazer novas vozes e perspectivas ao campo epistemológico das questões indígenas, visto que o reconhecimento da heterogeneidade étnica e a compreensão de índios e não-índios naquilo em que diferem — e conseqüentemente na especificidade de suas necessidades sociais e políticas — são elementos cruciais e urgentes para o avanço dos problemas indígenas não apenas no âmbito político, mas também científico.

Apesar das produções analisadas nos abrirem perspectivas positivas, há mesmo assim questões a serem criticadas ou problematizadas. Há, mesmo que de maneira discreta o uso de termos obsoletos ou inadequados que reproduzem — mesmo que não intencionalmente — a relação de subjugação dos não-índios em relação aos índios. Termos tais como “civilizados” ou “tribos” são considerados pela literatura científica já há um bom tempo como inadequados para se referir a questão indígena. E aqui não nos referimos somente a uma questão demagógica de nomenclaturas ou denominações, mas a um posicionamento do pesquisador em relação a sua temática (qualquer que ela seja), pois quando nos aventuramos a entrar em um determinado campo-tema nos deparamos com uma realidade múltipla e complexa que nos possibilita a tomada de diferentes posições — lembrando aqui que posições científicas são também muitas vezes políticas e sociais, sobretudo quando nos referimos a realidades conflituosas tais como a “indígena”, com seus paradoxos e contradições. Devemos, portanto, enquanto pesquisadores-psicólogos inseridos nesta realidade, atentar para a maneira pela qual nos posicionamos em relação ao nosso campo-tema através de nossos discursos e ações. É fundamental também que possamos dialogar com outras ciências com tradição em pesquisas e

produção de conhecimento sobre os povos indígenas, procurando os pontos de interlocução, convergentes e/ou divergentes, necessários ao avanço de toda e qualquer ciência.

À parte isso, nossa análise também possibilitou constatar a riqueza e diversidade de métodos, teorias e conceitos empregados pelos psicólogos quando decidem adentrar na temática indígena. Além do predomínio das questões de identidade/diferença já mencionado, há predominância de subáreas (como o caso da Psicologia Social e da Psicanálise) assim como o aparecimento de vários trabalhos envolvendo mitos e mitologia, religião e aspectos da religiosidade indígena, o problema relacionado ao suicídio e uma preocupação significativa com as questões ligadas a saúde nos mais diferentes contextos (saúde reprodutiva, AIDS, comportamento alcoólico, etc).

Notamos, portanto, o caráter essencialmente híbrido das produções no que diz respeito aos métodos, enfoques teóricos, autores, conceitos, assuntos abordados, o que constitui sem dúvida um aspecto de riqueza e uma possibilidade de contribuição efetiva da Psicologia ao campo-tema indígena. Entretanto, é certo que há aspectos de tal hibridade que precisariam ser analisados de forma mais aprofundada, como por exemplo, o uso de testes e instrumentos de avaliação psicológica que não podem ser usados sem uma prévia análise crítica e adequação às populações nas quais serão aplicados. A questão aqui é bastante complicada e complicada também a reflexão que precisamos realizar sobre elas; a leitura única dos resumos das produções em questão não possibilitou uma noção mais aprofundada quanto aos procedimentos utilizados na validação, adequação e aplicação de instrumentos de avaliação psicológica por parte dos pesquisadores em sujeitos indígenas. O que pode ser assegurado, no entanto, é a importância crucial de um trabalho minucioso e responsável no que diz respeito ao uso de instrumentos de avaliação psicológica em etnias indígenas, sobretudo instrumentos “fechados”, como escalas e testes de avaliação de aspectos psicológicos construídos dentro dos parâmetros da cultura ocidental. Há mesmo constructos psicológicos amplamente empregados na Psicologia que podem não fazer sentido algum — ou podem possuir um sentido completamente diferente — para culturas não-ocidentais, tais como os conceitos de “inteligência”, “personalidade”, “auto-estima”, entre outros.

Quanto aos autores, constatamos os nomes de pesquisadores tais como Silvia Lane, Leila Tardivo, Marina Massimi, José Osvaldo de Paiva, Sonia Grubits, Yumi Gosso entre outros, como importantes estudiosos que aparentemente trabalham ou trabalharam de forma mais contínua e consistente com a questão indígena, seja no trabalho direto com etnias, seja em trabalhos e reflexões teóricas e históricas a respeito, orientando pesquisas, realizando projetos e produções acadêmicas que envolvem etnias indígenas. Além

disso, é importante ressaltar que todos estes autores estão realmente vinculados à ciência psicológica e a Programas e/ou Institutos de Psicologia, configurando realmente produções desta ciência no que concerne a questão indígena.

Por fim, constatamos também a aparição de termos interessantes à reflexão, tais como Psicologia Étnica, Etnopsicologia, Psicologia Nativa e, o mais interessante, Psicologia Indígena. Será que estamos a caminho da construção de uma Psicologia Indígena? Ou em uma psicologia para os indígenas? Será que podemos pensar na consolidação de tal termo? E no que ele implicaria?

Por fim, ressaltamos que uma ampliação e estudo mais aprofundado dessas bases de dados, assim como de outros materiais tais como artigos científicos, livros, anais de congressos etc, podem e devem ser objeto de trabalhos posteriores, visando analisar e sempre re-atualizar informações sobre o papel do psicólogo junto às populações indígenas do Brasil, considerando este um campo-tema recente e em crescente desenvolvimento, carente ainda de maiores reflexões e interlocuções. Colocamo-nos, desta forma, conscientes da natureza sempre incompleta de um trabalho deste tipo, que tem por finalidade criar um *corpus* suficiente para uma primeira análise sobre o “estado da arte” da ciência psicológica em relação às populações indígenas.

Referências

FERREIRA, N.S.de A. (2002) As Pesquisas denominadas “Estado da Arte”. In: *Educação & Sociedade*, vol.23, n° 79, p.257-272.

SPINK, P. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. In: *Psicologia & Sociedade*, vol.15, n° 2, p.18-42.

RIBEIRO, D. (1982). *Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Petrópolis: Vozes.

Recebido: 19/08/2009

Última Revisão: 15/10/2009

Aceite Final: 09/12/2009